

## COLUNA

# LUTA ANTIRRACISTA, EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE

Anália de Jesus Moreira

## A luta antirracista em sala de aula: questões políticas, pedagógicas e epistemológicas

*As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos.*

*Malcolm X.*



Me dirijo a esta revista como primeiro contato, saudando aqueles e aquelas que lutam no dia a dia na sala de aula por uma educação sem dor e cada vez mais inclusiva e democrática. Pertencço aos quadros da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, nascida com a perspectiva de firmar no Recôncavo da Bahia e fora dele políticas de inclusão, emancipação e respeito pelas diversidades por meio de ações afirmativas e programas que visam pesquisar,

ensinar, extensionar e assistir com qualidade um público até então desprovido de oportunidades reais para sua emancipação.

Quando as políticas de ações afirmativas se edificaram pela luta dos movimentos sociais, em especial o Movimento Negro e algumas pessoas não negras, houve um rebuliço nas instâncias de poder tendo em vista o receita de reparar as dívidas históricas com negros, gays, indígenas, idosos e pessoas como necessidades especiais em todos os espaços institucionais. A reação às ações afirmativas foi imediata e a luta se acirrou em intensos debates para garantir sua eficácia.



Destaco entre as ações afirmativas a luta antirracista que se fundamenta em três pontos a serem cumpridos:

- 1) Denúncia de racismo, afirmando que se trata de uma ação posterior ao acontecimento, portanto, desalentadora e necessária;
- 2) A punição dos atos de racismo, etapa difícil em um país onde a ordem é “com tudo junto, com STF e tudo” e levando-se em conta que quem comete racismo pensa ou na maioria das vezes está em lugar de dominância financeira, cultural e midiática;
- 3) A Educação, que nos cabe e que considero a mais preventiva. É preciso educar para a justiça racial e para o antirracismo. Adentrar espaços brancos e dominantes, imprimir na formação infantil a necessidade e o respeito pelo diferente, sendo todos os infantes diferentes e desiguais, educar as crianças brancas, negras e indígenas etc. e protegê-las da armadilha da estruturação racista em suas vidas. De outro modo, lutar na escola e fora dela pelo fim do “*White face*”, termo que utilizo para denominar a branquitude cultural, racial e

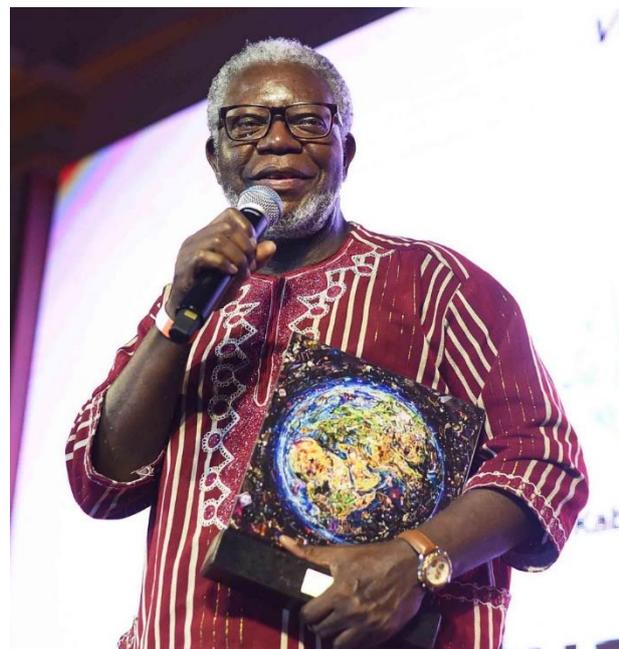
epistemológica, lembrando que esta se realiza também no corpo, na vestimenta e na assunção da corporeidade.

Me recordo de uma fala do professor Kabengele Munanga na Faculdade de Educação da UFBA, em 2017, quando afirmou “o negro nada tem a ver com o racismo, ele não o criou”. Carl Hart, intelectual e ativista negro americano, primeiro professor titular afro-americano de ciências na Universidade de Columbia, esteve no Brasil em 2017 e visitou Salvador/BA. Ele disse em uma das poucas entrevistas que conseguiu, que ficou impressionado com a dominação da minoria branca na capital baiana, em especial em campos estratégicos como mídia, educação e poderes constituídos. Bastaram poucas horas para o professor fazer a fotografia da injustiça racial na Bahia.

Falo da luta antirracista na Educação por ser este o meu lugar de poder neste momento, mas entendo que ela se dá em âmbitos mais amplos como a saúde, a habitação, a renda e o emprego, o lazer, a cultura e os espaços institucionais. De qual erro grave e infortúnio maiores estamos falando? Desprotagonizar negros e negras destes espaços é manipular mais uma vez a história, a cultura e a educação que são pontes eficazes para promover a justiça racial no país. Falando do meu ponto de vista de mulher

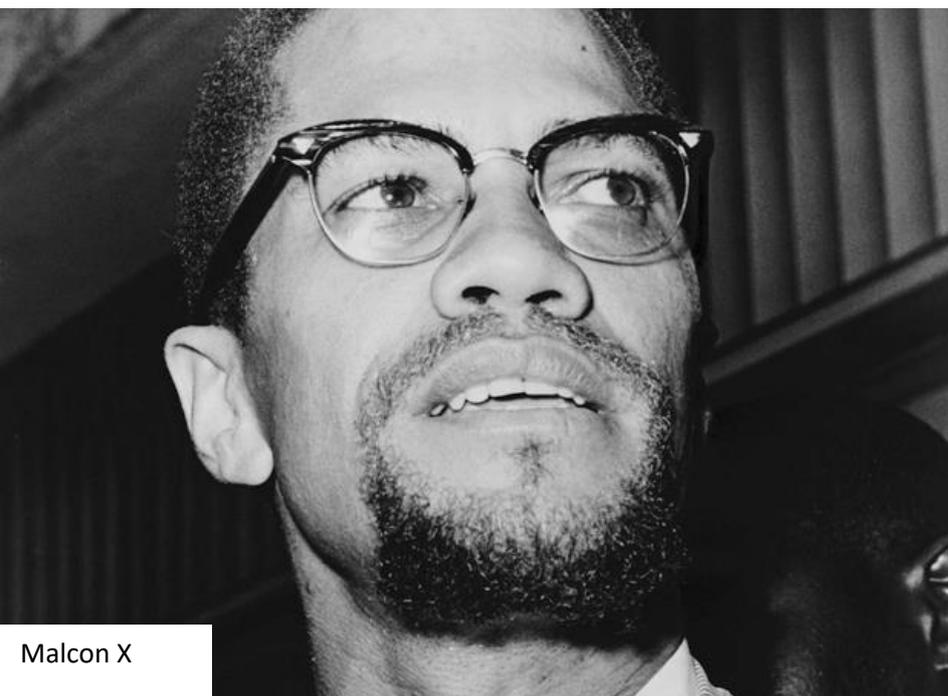


Carl Hart, neurocientista e professor de Psicologia e Psiquiatria da Universidade de Columbia nos Estados Unidos.



Professor doutor Kabengele Munanga, antropólogo brasileiro-congolês é uma das principais referências na questão do racismo na sociedade brasileira.

branca ou não negra que alcançou um lugar de poder inequívoco que é a sala de aula de uma universidade pública formadora de professores, não obstante a minha história de superação e sofrimento, me assumo como antirracista por questões que me associam de muitas formas à luta dos que sofrem mais por terem este lugar de poder negado pelo preconceito racial, dentre outros.



Malcon X

Está no canal do *You Tube*, uma entrevista de Malcon X, onde ele analisa a participação de brancos na luta antirracista, questionando as posturas destes e suas coerências. Malcon fala de “lobos, raposas e cordeiros”, diferenciando-os de acordo com o tipo de ação dos brancos. Sobre lobos, Malcon afirma que são pessoas interessadas em protagonizar a luta antirracista, tirando o lugar daqueles que materializam as ações. Sobre cordeiros, Malcon nos lembra de ações brancas

antirracistas, mas que visam desconstruir a perspectiva de protagonismo negro, mantendo o “*status quo*” da dominação. Quanto às raposas...?

Esta entrevista de Malcon dada a jornalistas brancos que se mostravam reticentes com o pensamento desconstrutivo do ativista americano, me fez refletir muito sobre como me posicionar em sala de aula, se de fato sou antirracista ou apenas uma branca aliada, não racista, mas sem abrir mão do meu lugar de poder. A fala de Malcon ainda me incomoda, mas, é elementar para minha construção de antirracista que tem que cortar na própria carne para ser uma militante, nunca assumindo as dores e as flores de um negro ou negra. Não posso sentir como eles. Eu sofro e sofri muitas discriminações, porém, racismo, não. Nunca passei por “baculejo”, nunca fui parada como suspeita em aeroportos e rodoviárias, nunca fui chamada de “branca suja”, por isso, meu passo inicial político e pedagógico foi mudar minhas formas de lecionar, envolvendo desde a postura hierárquica até as estruturas físicas em sala de aula.

Sair do foco como professora, formada nos estigmas da ocidentalidade verticalizada para alcançar circularidade da filosofia e dos saberes africanos desconhecidos até por parte dos estudantes, é enfrentar o desprotagonismo e eleger a outra ponta da construção do conhecimento que se supõe seja inferior.

Então, como lidar com isso, tendo que ouvir de pares brancos e alguns negros, dependendo da localização política de cada um deles, coisas como lugar da fala, lugar de poder, tombamento, lacração e até apropriação porque meus estudos apontam para uma contribuição reflexiva sobre corpo, cultura e educação, pilares onde foram fincadas as estruturas racistas? Por que devo reclamar dos tombamentos dos movimentos negros que divergem tal qual a dominância branca? Que cor tem o tombamento de um golpe de **impeachment**



Marielle Franco, ativista política e vereadora assassinada em 2018, no RJ.

de uma presidente eleita por mais de 50 milhões de votos? É preto o tombamento que encarcera um presidente nordestino sem formação acadêmica que implementou políticas públicas sérias que diminuíram as desigualdades raciais? Qual o tamanho da claridade do tombamento de Marielle Franco e Anderson Gomes, levando-se em conta a construção sofrida de uma mulher ativista negra, periférica e acadêmica? Quantas são as frentes de poder do tombamento branco que destituiu Marielle de sua cultura, suas pertenças, seus territórios, seus lacramentos, sua representatividade, sua sororidade?



Jairo Pinto, sociólogo e escritor baiano.

De outro modo esperançoso, sempre, lembro que as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 trazem uma proposta de formação obrigatória de professores nas questões da cultura e história africana, afro-brasileira e indígena. Logo, entendo que estes novos pensamentos devem permear a formação ou aperfeiçoamento de todos os professores, sem distinção de raça, cor, religião. Posso dizer que um verdadeiro antirracista também sofre e se desgasta porque demanda ser militante, cooptador e encrenqueiro, como assim me considero. Como estou aprendendo outras formas de escrita, me

descolonizando, me aproveito do momento para introduzir nossa última questão em forma de poesia. É um poema de Jairo Pinto, um sociólogo negro e poeta magistral, natural de Salvador. Chama-se “Epistemicídio”.

*Escrita escura*

*Escola não escuta*

*Esconjura*

*Jura vil*

*Que nunca viu.*

Axé!



### **Anália de Jesus Moreira**

Mulher, brasileira, soteropolitana, periférica, formação básica em escolas públicas. Professora.

“Sou o que exigem e evidenciam os fatos. O que não sou, são lados particulares da mesma história. Entre o sou e o não sou existe o fui, fruto da crença em prosseguir. Minha missão é ser do tempo e a mais íntima satisfação, fazer do invisível o mais azul possível e do futuro a projeção híbrida da palavra”.